

## O Projeto Redes de Referência para Agricultura Familiar: Qual a Representação Social dos Atores Envolvidos?

**Autoria:** Evandro José da Cruz Araújo, Elisa Yoshie Ichikawa

**Resumo:** Na década de noventa foi lançado pelo Governo do Paraná o Projeto “Redes de Referência para a Agricultura Familiar”, no sentido de obter avanços metodológicos e tecnológicos no campo. Esse Projeto foi desenvolvido a partir do envolvimento de três atores: pesquisadores do IAPAR (Instituto Agrônômico do Paraná), extensionistas rurais da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural) e produtores rurais da agricultura familiar. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo desvendar as representações sociais que cada grupo social tem do Projeto e, conseqüentemente, da ação desenvolvida em rede. Para tal empreendimento, serviu-se da Teoria das Representações Sociais. Trata-se de uma pesquisa caracterizada como qualitativa e descritiva. A análise revelou a existência de representações diversas que, por conseguinte, mostra que os atores entrevistados têm maneiras diferentes de entender o Projeto. Foi possível concluir que a organização em rede no Projeto estudado, considerando a participação dos três atores, existe de maneira pontual e está relacionada a aspectos pessoais e subjetivos dos atores, que extrapolam a estrutura organizacional configurada em rede.

### Introdução

A agricultura, do ponto de vista do mercado interno e do comércio mundial, é um dos itens de grande relevância na lista dos elementos que compõe o desenvolvimento econômico de um país. Os investimentos de uma nação nesse setor costumam direcionar-se à pesquisa e ao desenvolvimento de novas tecnologias, ao financiamento da produção, de insumos e implementos agrícolas. Sobre esse assunto, são comuns referências imediatas à agricultura de grande porte e às transações de maior volume. No entanto, os investimentos na chamada agricultura familiar<sup>1</sup> são uma das importantes vias sob as quais se constrói desenvolvimento social e econômico (KÜSTER; MARTÍ, 2004).

No Brasil, a política de investimentos para agricultura familiar iniciou por volta de 1996, ano em que o censo agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2006) constatou que no país existiam aproximadamente 4,14 milhões de propriedades rurais familiares, cerca de 85% dos imóveis rurais do país, representando 30,5% da área total e 38% do valor bruto da produção agropecuária (KÜSTER; MARTÍ, 2004).

No ano de 1998, o governo paranaense, através de um programa de fomento ao desenvolvimento social e econômico de pequenos agricultores, o “Paraná 12 Meses”<sup>2</sup>, propiciou o surgimento do “Projeto Redes de Referências para a Agricultura Familiar”. O Projeto Redes, como ficou conhecido, foi desenvolvido pelo Instituto Agrônômico do Paraná (IAPAR) e pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/PR)<sup>3</sup>. Baseado no modelo francês do *Institut de l’Elevage*<sup>4</sup>, a intenção do Projeto é que o foco da pesquisa e da extensão rural não permaneça somente nos produtos, mas nos sistemas produtivos, para que, melhorados tecnologicamente, se tornem referências para outros sistemas semelhantes (PASSINI *et al.*, 2004).

O Projeto tem como proposta trabalhar na configuração de redes, com base na idéia da interação: os agricultores fornecem dados, transmitem seu conhecimento adquirido durante toda a vida no campo, geram demandas para novas pesquisas, participam de reuniões enquanto lideranças e se tornam testemunhas dos avanços ocorridos em suas propriedades; mas recebem toda sorte de informações técnicas, visando melhora e potencialização de seu trabalho. A relação entre pesquisadores, extensionistas e agricultores não deve ser uma relação vertical, nem hierárquica, mas baseada, portanto, em um processo interativo, onde todos devem participar intensamente de cada etapa do Projeto (PASSINI *et al.*, 2004).

O conceito de redes consiste de um modo geral, segundo Martes *et al.* (2006, p. 46), no “conjunto de relações ou laços entre atores (indivíduos e organizações)”. Giddens (2005, p.299) comenta que agora aumenta o número de organizações que aderiram ao sistema complexo de redes de relações com outras organizações, por perceberem que suas operações funcionam melhor quando conectadas assim.

As explicações científicas que justificam e embasam o fortalecimento das redes na atualidade variam conforme o paradigma com o qual se olha o fenômeno. Todavia, algo que ainda parece passível de estudos, diz respeito ao aprofundamento de pesquisas que pretendam revelar ou interpretar como os atores envolvidos nas redes representam, enquanto grupo social, o trabalho ou ação desenvolvida neste tipo de configuração. Esse é o desafio sob o qual este estudo se dedica. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objeto de estudo o Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar e, como embasamento teórico, além da revisão sobre redes, a apropriação dos estudos sobre o fenômeno da representação social, a partir da Teoria das Representações Sociais, uma vez que a intenção é captar o entendimento que cada grupo social tem da ação desenvolvida em rede.

A Teoria das Representações Sociais não é uma novidade no ambiente acadêmico. Muitos pesquisadores apropriaram-se do conceito de representação social para aprofundar objetos de pesquisa circunscritos na relação indivíduo-sociedade. A teoria é um meio pelo qual se busca compreender que concepção e significado um sujeito ou grupo social dá a um determinado objeto, e por quais caminhos essa imagem é constituída (MOSCOVICI, 1978).

Nesse contexto, correspondente à temática inscrita no universo teórico de redes e na Teoria das Representações Sociais, com suas inquietações e atrativos, esclarece-se que esta pesquisa buscou aprofundar estudos que revelassem como os atores envolvidos em um empreendimento organizado na forma de rede, representam, enquanto grupo social, o fenômeno das relações entre atores para o desenvolvimento de um projeto comum. Assim, considerando que a execução e condução do Projeto envolve pesquisadores do IAPAR, extensionistas da EMATER e produtores rurais da agricultura familiar, e que estes, enquanto atores envolvidos no processo mantêm relações de trabalho em rede, procurou-se compreender e interpretar a representação social que tais atores têm do Projeto Redes.

## **A Teoria das Representações Sociais**

Nos últimos anos, pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento apropriaram-se do conceito de representação social para investigar os mais diversos objetos de pesquisa. O responsável por inaugurar o conceito e depois a Teoria das Representações Sociais, foi o estudo “La Psychanalyse, son image, son public”, publicado por Serge Moscovici em 1961 na França. Sua intenção era entender a visão que o público em geral, além de especialistas sobre o assunto, tinha da psicanálise, uma técnica utilizada na psicologia (MOSCOVICI, 1978).

Alguns questionamentos, envolvendo diferentes concepções epistemológicas, perseguiram a Teoria das Representações Sociais ao longo de sua existência e no âmbito psicologia social. São variados os modos de conceber o homem e a sociedade entre teóricos da sociologia e da psicologia, e também existem diferenças que envolvem a apropriação de métodos científicos como o indutivo e dedutivo, o método dialético, o estruturalista e o fenomenológico. Existem os teóricos inclinados à concepção de psicologia social mais voltada à psicologia, chamada de psicológica; e outros adeptos de uma concepção de psicologia social mais sociológica ou psicossociológica. A primeira parte do pressuposto da influência do indivíduo na formação do conhecimento, enfatizando a objetividade desta relação e é mais defendida pela escola norte-americana. A outra admite a influência do indivíduo, mas o compreende como sujeito suscetível e construído sob forte influência da sociedade, e é mais aceita e difundida pela escola européia. Para Farr (1995), este é um debate

entre norte-americanos e europeus, e é na perspectiva mais sociológica dos europeus que se encaixa a teoria aqui utilizada. Nesse sentido, Farr (1995, p. 31) defende: “a Teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica de psicologia social” e como tal precisa ser estudada, sem que pretenda fazê-lo pelas vias da psicologia puramente cognitiva.

Foi no termo “representações coletivas” cunhado por Émile Durkheim que Moscovici baseou-se para construção do conceito de representações sociais. Jodelet (2001) afirma que representar ou se representar consiste no ato de um pensamento no qual um sujeito se conecta a um objeto. A existência de um objeto é imprescindível para que haja representação, sem ele esta não existe. Tal objeto, sendo real ou imaginário, pode ser desde uma pessoa a uma coisa, ou ainda um acontecimento, um fenômeno natural ou uma idéia (JODELET, 2001, p. 23).

Jodelet (2001) complementa que nessa realidade de mundo dos “objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social”, mas “partilhamos esse mundo com os outros, que servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo”. Daí a importância das representações sociais na vida cotidiana, pois essas “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (JODELET, 2001, p.17).

A representação social tem, portanto, a função de interpretar, remodelar e reconstituir objetos, especialmente, aqueles que nos causam ameaça por desconhecimento e estranheza ou que estejam ausentes (MOSCOVICI, 1978). A construção teórica de Moscovici (1978) conduz a duas observações importantes: primeiro, o processo psíquico de tornar familiar o objeto estranho e ausente é uma atividade de construção de uma figura do objeto, que difere de qualquer conhecimento intelectual e sensorial; segundo, que este mesmo processo desdobrando-se na construção criativa de uma figura remodelada e nova por parte de indivíduo ou grupo, atua neste, enquanto sujeito que, também é de algum modo, transformado pela relação com a figura de maneira que lhe atribui um significado ou significação. “No real, a estrutura de cada representação apresenta-se-nos desdobrada, tem duas faces tão pouco dissociáveis quanto à página de frente e verso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica” (MOSCOVICI, 1978, p. 65). Desse modo tem-se que: “representação = imagem / significação”, ou seja, para cada figura<sup>5</sup> existe um sentido e para cada sentido existe uma figura (MOSCOVICI, 2004, p. 46).

Seguindo ainda o raciocínio de Moscovici (1978; 2004), interessa o lugar no qual as representações sociais se situam em uma “sociedade pensante”. Para explicar isso, o autor fala em dois universos presentes em nossa cultura: *universos consensuais* e *universos reificados*.

Nos universos consensuais “tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz a tradição” (MOSCOVICI, 2004, p. 54). Como se vê, o universo consensual é composto por grupos de pessoas que se encontram em situação de igualdade, liberdade e em condições de expressar em nome do grupo. Não existe, nesse universo, capacidade ou conhecimento técnico e científico no qual o indivíduo sustenta seu pensamento e ação, a partir do instituto da competência, esta só circunstancialmente. Esse universo é marcado pelo entrelaçamento de livres expressões e opiniões, compostos por amadores ou observadores curiosos, que se utilizam de jargões populares ou frases acabadas de domínio público. O processo constante de interação cria núcleos estáveis e hábitos comuns de fazer coisas, existe também certa solidariedade e cumplicidade para lidar com coisas comuns e acessíveis a todos (MOSCOVICI, 1978; 2004). “O pensar é feito em voz alta. Ele se torna uma atividade ruidosa, pública, que satisfaz a necessidade de comunicação e com isso mantém e consolida o grupo, enquanto comunica a característica que cada membro exige dele” (MOSCOVICI, 2004, p. 51).

Sobre o universo reificado, é necessário primeiro comentar o que vem a ser reificação. Para Berger e Luckmann (1996, p. 122) trata-se de “uma apreensão dos fenômenos como se fossem coisas, isto é, em termos não humanos e possivelmente super-humanos”. Os autores explicam que a reificação torna possível que o ser humano esqueça sua própria autoria do mundo social, o homem perde a consciência enquanto produtor de relações e coisas. “O mundo reificado é por definição um mundo desumano. [...] Os significados humanos não são mais entendidos como produzindo o mundo, mas como sendo, por sua vez, produtos da ‘natureza das coisas’” (BERGER; LUCKMANN, 1996, p. 123). Diferente do consensual, o universo reificado é composto por pessoas que ocupam papéis diferentes em classes distintas. O critério para ser membro desse corpo social é científico ou técnico, e está baseado no instituto da competência que credencia ou não, a participação em determinada área de conhecimento. Não se está autorizado a fazer afirmações ou dizer coisas que estão fora do âmbito de domínio e compreensão, as pessoas têm papéis e prerrogativas diferentes umas das outras (MOSCOVICI, 1978; 2004).

Além do processo de aproximação dos mundos reificado e consensual, o exercício da representação inclui outros dois conceitos que são considerados chave para a compreensão da dinâmica proposta pela teoria: ancoragem e objetivação. São os processos pelos quais as representações são geradas. Ancorar é a tentativa de trazer o estranho, o inusitado e o incomum, para perto, de maneira que aconteça um processo de redução das distâncias, de restrição a categorias e imagens não estranhas, comuns ao universo interior. Objetivar é, justamente, retirar objetos do mundo abstrato e transformá-los em figuras quase concretas, mudar o que está em um plano mental para um plano onde adquira uma forma de existir no mundo físico (MOSCOVICI, 1978; 2004; JODELET, 2001).

### **Redes Interorganizacionais**

As relações entre organizações para alcançar objetivos unidirecionais remonta à Antigüidade. Marcon e Moinet (2001, p.18) entendem que o que se tem agora é uma nova forma de olhar a realidade que já existia, e reconhecem que “a noção de rede nunca esteve tão presente na linguagem e no pensamento atuais”. Marcon e Moinet (2001) explicam que o “sentido figurado da palavra rede se afirma a partir do século XII: ‘Conjunto de coisas abstratas que aprisionam o indivíduo pouco a pouco’. O sentido abstrato de rede adquire uma grande extensão na segunda metade do século XIX”: refere-se “a um conjunto de pessoas ligadas entre si, direta ou indiretamente” (MARCON; MOINET, 2001, p.19).

Clegg e Hardy (1999) afirmam que as redes são novas formas organizacionais que resultam da transição de uma burocracia enrijecida à fluidez. Observam que as fronteiras externas que demarcavam os limites da organização estão ruindo, “à medida que as entidades se fundem e se descaracterizam, passando a formar ‘cadeias’, ‘conglomerados’, ‘redes’, ‘alianças estratégicas’, questionando a relevância de um foco organizacional”. Entendem também que as fronteiras internas que davam contorno à burocracia também estão ruindo, “tornando as organizações pós-fordistas mais ágeis e flexíveis, com menor número de níveis hierárquicos” e “menos formatadas”. Essa “nova fluidez” percebida na “aparência externa das organizações” tem como premissa a idéia de que “as relações interorganizacionais em uma organização pode ser uma fonte mais importante de capacidade do que das características internas, tais como ‘tamanho’ ou ‘tecnologia’” (CLEGG; HARDY, 1999, p. 39).

Vizeu (2003, p.9) sugere, a partir de seu estudo sobre os paradigmas nas pesquisas envolvendo o tema redes interorganizacionais, dois modelos epistemológicos para tratar do fenômeno: a abordagem histórico-cultural fenomenológica, que se fortaleceu a partir da interpretação e crítica que adeptos norte-americanos do paradigma funcionalista fizeram das experiências nos distritos italianos do nordeste da Itália, que tinham entre outras

características, a cooperação baseada em valores como confiança e laços afetivos entre os participantes da rede; e a escola norte-americana, que tem como principal referência a orientação técnico-econômica de cunho funcionalista, que se construiu a partir da teoria dos custos de transação. A ênfase está nas relações de mercado sob o prisma da competitividade, “os arranjos em rede são considerados como instrumentos eficazes de controle dos custos de transação, pois permitem uma melhor regulação de operações interfirmas [...] e não comprometem a capacidade de rápida adaptação às mudanças” no cenário competitivo.

Ainda sobre os diferentes paradigmas no campo da teoria organizacional, Tolbert e Zucker (1999, p.199), explicam que antes se considerava somente que a estrutura formal era resultado dos esforços racionais de dirigentes organizacionais em buscar maior eficiência e controle do desempenho no trabalho. As autoras esclarecem que nos anos 1960 esse foco se alterou para acrescentar reflexões a respeito da influência “das forças ambientais na determinação da estrutura”, mas, entendem, que “o quadro explanatório básico funcionalista/econômico foi mantido na maioria dos trabalhos [...]”.

Dois exemplos de teorias nos estudos organizacionais que passaram a considerar a forças ambientais, mas mantiveram diferenças, uma balizada pela racionalidade e outra mais imersa no estudo do poder e força do ambiente, são: a ecologia populacional e a institucional.

A teoria da ecologia populacional, postulada por Hannan e Freeman (1977), baseia-se na tentativa de apontar os motivos da alta variabilidade de estruturas em meio às organizações. Para tanto, a ecologia populacional recorre à teoria darwiniana fazendo mais que uma analogia, quase uma transposição de conceitos, e aplicando-os para a realidade do mundo das organizações. As organizações, quando não compatíveis ao ambiente, serão substituídas por um processo de seleção ou passarão por altos níveis de adaptabilidade. Por sua vez, a teoria institucional preconizada por Meyer e Rowan (1977) compreende a estrutura formal como representações simbólicas socialmente aceitas e compartilhadas. Machado-da-Silva e Gonçalves (1999, p. 220) explicam que essa teoria compreende o resultado da orientação convergente da influência de elementos teóricos advindos, sobretudo, “da ciência política, da sociologia e economia, que buscam incorporar em suas proposições a idéia de instituições e padrões de comportamento, de normas e de valores, de crenças e pressupostos, nos quais encontram-se imersos, indivíduos, grupos e organizações”. DiMaggio e Powell (2005) concordam que a configuração de redes é resultado do processo de institucionalização, que se dá pela busca por legitimidade a partir do isomorfismo institucional. Nesse caso, as relações entre empresas, não são fruto de racionalidade adaptativa, mas, sobretudo, de um processo de homogeneização que tende fazê-las semelhantes nas formas que assumem.

Sobre essa discussão dicotômica, Tolbert e Zucker (1999, p. 197) afirmam que existe “um objetivo mais geral e mais ambicioso que é o de construir uma ponte entre os dois modelos distintos de ator social subjacentes à maioria das análises organizacionais, aos quais nos referimos como ator racional e modelo institucional”. Seu objetivo com esta afirmação é propor que os modelos sejam tratados não como excludentes ou opostos, “mas representando dois pólos de um *continuum* de processo de tomada de decisão e comportamentos”.

Na teoria organizacional existem outras tantas teorias que permanecem com visões diferentes acerca dos elementos constitutivos da organização em rede. Entre essas estão: economia industrial, estratégia, dependência de recursos, redes sociais, marxistas e críticas, custos de transação, contingencial, e teoria institucional e ecologia populacional comentadas acima (OLIVER; EBERS, 1998). Para Oliver e Ebers (1998) as diferentes teorias sobre redes interorganizacionais podem ser utilizadas de maneira complementar.

Como visto, o fenômeno das redes é concebido sob ângulos diversos, de acordo com a “janela” teórica da qual é olhado. Tentando imprimir certa amplitude conceitual, Clegg e Hardy (1999, p. 40) fazem as seguintes afirmações sobre redes: “são formadas por uma

estrutura celular não rigorosa e composta de atividades de valor agregado que, constantemente, introduzem novos materiais e elementos”, que assumem formas diversas.

### O Percurso Metodológico

Este estudo caracteriza-se como qualitativo. Bauer e Gaskell (2004, p.23), explicam que a pesquisa qualitativa trabalha com interpretações das realidades sociais. Para Minayo (1998, p. 33) na tônica própria do tempo atual, se fortalece a “introspecção do homem, a observação de si mesmo e se ressaltam questões antes passadas despercebidas”. Esta pesquisa se caracteriza ainda como estudo descritivo. Selltiz *et al.* (1987) chamam de estudos descritivos a descrição de características de comunidades e de pessoas de uma comunidade.

Sobre o objeto de estudo, o Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar, é importante ressaltar que sua condução coube ao Instituto Agrônomo do Paraná - IAPAR e ao Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER. Sua escolha como objeto da pesquisa se deu pela sua proposta de execução: a configuração de redes entre pesquisadores, extensionistas rurais e produtores rurais da agricultura familiar.

Sobre a constituição dos sujeitos da pesquisa, Minayo (1998, p. 102), ressalta que a preocupação primeira na abordagem qualitativa não é generalizar, mas aprofundar na “compreensão de um grupo social” ou, por exemplo, de “uma representação”. Assim, a amostra ou seleção adequada “privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer” e possibilita desvendar a “totalidade de suas dimensões” (MINAYO, 1998, p. 102).

Os sujeitos da pesquisa são profissionais envolvidos diretamente no Projeto Redes: quatro pesquisadores do IAPAR, seis extensionistas da EMATER e seis agricultores familiares. O critério determinante para seleção dos entrevistados foi a existência de uma participação suficiente que possibilitasse conhecimento e vivência cotidiana com o trabalho desenvolvido no Projeto Redes. Os entrevistados foram citados durante a exposição e análise dos dados através da seguinte convenção: Agricultor 1 (A1), Agricultor 2 (A2), Agricultor 3 (A3), Agricultor 4 (A4), Agricultor 5 (A5) e Agricultor 6 (A6); Extensionista 1 (E1), Extensionista 2 (E2), Extensionista 3 (E3), Extensionista 4 (E4), Extensionista 5 (E5), Extensionista (E6); e Pesquisador 1 (P1), Pesquisador 2 (P2), Pesquisador 3 (P3), e Pesquisador 4 (P4). Metade de cada grupo de entrevistados atua no Projeto desde o seu início. Foram selecionados entrevistados entre as seis regiões geográficas do Estado do Paraná onde o Projeto está presente. A quantidade de entrevistados se mostrou suficiente dada à presença saliente de conteúdos discursivos repetidos e coerentes entre si.

O principal instrumento para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada. A entrevista qualitativa possibilita “a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação” e o entendimento profundo “das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação a pessoas e contextos sociais específicos” (GASKELL, 2004, p. 65). Spink (1998) comenta que na pesquisa que envolve representações sociais a coleta de dados exige longas entrevistas semi-estruturadas acopladas a levantamentos paralelos sobre o contexto social e sobre os conteúdos históricos que informam os indivíduos enquanto sujeitos sociais. Assim, além das entrevistas (dados primários), foram utilizados dados secundários, como as publicações internas de revistas, relatórios de viagens e manuais, principalmente para aprofundar o conhecimento acerca do objeto [Projeto Redes] e descrevê-lo.

Sobre a forma de análise empregada na interpretação dos dados, foram observados aspectos que são inerentes ao estudo das representações sociais. Sobre isso, Spink (1998, p. 120) aponta a importância de considerar o processo de elaboração das representações sociais por parte do sujeito social. Isso quer dizer que não é o indivíduo isoladamente que se toma em consideração, mas suas posições individuais enquanto reflexo ou inclinação do grupo no qual

está inscrito. Nesse sentido, “as representações, são estruturas estruturadas ou campos socialmente estruturados”. Por outro lado, “as representações são também uma expressão da realidade intra-individual; uma exteriorização do afeto”, ou seja, são também “estruturas estruturantes que revelam o poder de criação e de transformação da realidade social”. Para a autora as representações devem ser estudadas partindo do pressuposto de sua funcionalidade como orientadora das ações e da comunicação. O indivíduo é concebido como “símbolo vivo do grupo que representa” e pode ser tratado como sujeito genérico, desde que o “contexto social por ele habitado” seja entendido de modo satisfatório: “seu *habitus* e a teia mais ampla de significados no qual o objeto de representação está localizado” (SPINK 1998, p. 124).

Spink (1998) esclarece que as técnicas de análise utilizadas no estudo das representações buscam, de algum modo, desvendar a associação livre de idéias subjacentes ao senso comum. A autora explica que a análise é centrada na totalidade do discurso, é demorada, e por conseqüência, acaba envolvendo um número menor de sujeitos. É preciso esclarecer que quando Spink (1998) utiliza a expressão “análise de discurso” não parece estar se referindo *a priori* a nenhuma forma específica dessa análise.

O trabalho de análise, portanto, foi realizado da seguinte forma: primeiramente, foram transcritas todas as entrevistas, revisadas e devolvidas para cada entrevistado, algumas via *e-mail*, outras por carta postal. Esse procedimento visou garantir a validade interna, ou seja, que os sujeitos se reconhecessem em seu próprio discurso.

Após, as entrevistas foram ouvidas e lidas, simultaneamente, por mais duas vezes. Então foram postos em negrito os fragmentos de textos que se referiam às tentativas discursivas de explicar ou emitir opiniões sobre o objeto estudado e também, sublinhado outros fragmentos de comentários e menções que se mostravam importantes para análise. Os textos foram relidos separadamente e novamente confrontados com a transcrição completa da entrevista, o que permitiu o surgimento de novas interpretações e imagens antes não percebidas. Aliás, todas as vezes que surgiam dúvidas sobre o que os entrevistados haviam dito, ou tentaram dizer, retornou-se à gravação de voz junto com o texto transcrito. Ao ouvir-se, outras vezes as entrevistas, as expressões faciais, as entonações de voz e até gesticulações vieram à mente do investigador. A junção dessas imagens com a leitura fria e ponderada da entrevista contribuiu muito no exercício de interpretação. Com tal insistência, considerando aspectos estruturais e estruturantes em cada discurso, emergiram as representações sociais.

Para cada entrevistado foi escrito um texto em separado que refletia o conjunto das representações encontradas e também relacionadas palavras-chave e frases que se destacaram no discurso. Logo após, tomou-se o que foi extraído de cada sujeito e comparou-se com os outros membros do grupo, de maneira que fossem observadas e classificadas as maiores incidências. Após esse processo, considerando os aspectos discursivos semelhantes e a intensidade dos mesmos nas entrevistas, foram designados nomes, através de frases ou palavras-chave, para cada representação social encontrada no grupo. Desse modo, construiu-se também um texto comum de análise para cada grupo, apontando as citações mais importantes da entrevista.

### **O Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar**

O projeto paranaense Redes de Referência é resultado de um intercâmbio entre instituições agronômicas brasileiras e francesas, iniciado no final da década de oitenta, com a intenção, por parte dos brasileiros, de obter avanços em metodologias de trabalho baseadas na visão sistêmica<sup>6</sup>. O IAPAR, que já avançara no estudo de sistemas produtivos na agricultura desde a década de setenta, teve relevante papel nessa aproximação entre Brasil e França, principalmente, na tentativa de aprimoramento da metodologia das redes através do *Institut de*

*l' Élevage*, o qual já desenvolvia um trabalho chamado Redes de Referência, desde 1981 (LLANILLO, 1988; MIRANDA *et al.*, 2001).

O Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar foi lançado pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná, dentro do programa “Paraná 12 Meses” no subcomponente “Manejo e Conservação dos Recursos Naturais (2ª Fase) – Modernização Agropecuária” entre os anos de 1998 e 2002. Apesar do término do Paraná 12 Meses, o Projeto Redes continuou em atividade, mesmo sem os recursos financeiros antes garantidos pelo programa. Os executores são o IAPAR e a EMATER. Tecnicamente o Projeto é definido como: “uma metodologia de Pesquisa Adaptatória e de Difusão de Tecnologia” implementada e conduzida “em uma rede de propriedades que, analisadas e acompanhadas com o enfoque sistêmico e otimizadas técnica, econômica e socialmente, fornecem referências para melhoria das demais propriedades as quais representam” (MANUAL OPERATIVO..., 1999, p.99).

Souza *et al.* (2000, p. 7) entendem que esse modo de trabalhar do Projeto Redes, “além de promover a adaptação de tecnologias para o desenvolvimento da agricultura, busca resolver o principal problema dos projetos de desenvolvimento, que é a interação entre os agentes (pesquisadores, extensionistas rurais e agricultores)”. São objetivos do Projeto: Ofertar novas tecnologias; Demonstrar tecnologias e sistemas de produção, para a difusão; Disponibilizar métodos de gestão da propriedade para agricultores; Possibilitar capacitação e treinamento de técnicos e agricultores; Identificar demandas para novas linhas de pesquisa (SOUZA *et al.* 2000, p. 7). As redes são, oficialmente nos documentos pesquisados, grupos de unidades produtivas rurais que representam um sistema de produção familiar específico em uma determinada região. As propriedades passam a ser pesquisadas de maneira que sejam identificadas distorções impeditivas de um maior desenvolvimento na qualidade e produtividade do sistema.

É importante destacar a existência de distinções do ponto de vista taxonômico, diferenças entre a utilização da nomenclatura “redes” para referir-se ao Projeto Redes de Referência e sua aplicação no âmbito dos estudos organizacionais. O que os técnicos e pesquisadores do IAPAR e da EMATER estão chamando de redes refere-se a um grupo ou conjunto de elementos que servem de parâmetro ou referência para outrem, e não, exatamente, diz respeito às relações interorganizacionais, à cooperação entre organizações e indivíduos ou execução de tarefas comuns com objetivos convergentes. Assim, não obstante a existência de diferenças no uso da nomenclatura por parte dos criadores e executores do Projeto Redes de Referência, em relação à concepção das redes e sua utilização na administração, o desenvolvimento e execução do Projeto em si, é, à luz dos estudos organizacionais, uma proposta de trabalho em rede, que envolve diretamente três instituições: pesquisadores do IAPAR, extensionistas da EMATER e produtores rurais da Agricultura Familiar. E é com esse olhar que a investigação foi realizada.

Sobre a estrutura organizacional responsável por perseguir a todos os objetivos das redes tem-se: a esfera estadual, “um articulador do IAPAR e um da EMATER” que tem missão de gerir a interface entre as instituições e trabalhar para o adequado funcionamento das redes; a esfera mesorregional, onde estão os centros de pesquisa e desenvolvimento (difusão), formados por equipes interdisciplinares de especialistas que têm como função “animar, apoiar e coordenar” os trabalhos nos sistemas de referências; e a esfera regional, a base na qual tudo acontece efetivamente, deve conter dez redes de propriedades instaladas em cada uma das regiões administrativas da EMATER integrantes das mesorregiões. Cada extensionista é responsável por acompanhar tecnicamente um conjunto de vinte propriedades de referência com quatro ou cinco sistemas diferentes (MANUAL OPERATIVO..., 1999, p. 100; MIRANDA *et al.* 2001, p.10).



Existem ainda os comitês técnicos que são organismos deliberativos que têm, entre outros, os propósitos de fazer reflexões acerca dos sistemas de produção agrícolas prioritários. São formados por “organismos representativos” dos produtores rurais e por integrantes da comissão regional do Paraná 12 Meses e “outros agentes de desenvolvimento” (IAPAR, EMATER, prefeituras, universidade, ONG’s e outros) (MIRANDA *et al.* 2001, p.9).

Souza *et al.* (2000) e Miranda *et al.* (2001) elucidam que a estratégia de implantação de uma rede implica em três etapas que são complementares: *estudo prévio* – trata-se da definição da “caracterização regional e da tipologia dos agricultores” de modo a fornecer subsídios à fase seguinte; *seleção dos sistemas prioritários* – fase derivada da anterior que fica sob a responsabilidade do comitê de coordenação regional, reúne-se critérios como viabilidade, inovação e frequência com que o mesmo aparece; e *escolha das propriedades* – seleciona-se as propriedades representantes dos sistemas, em número aproximado de cinco por sistema. Os agricultores devem ter motivação, interesse, senso de organização, abertura para comunicar-se e interagir (SOUZA *et al.* 2000, p.7; MIRANDA *et al.* 2001, p. 12).

Depois das três etapas começam a ser realizados outros procedimentos da metodologia das redes: O “diagnóstico”, que é feito durante o período de um ano, para conhecimento e apreensão da realidade do produtor rural e de sua propriedade. O “plano de melhoria da propriedade”, realizado em conjunto pelo extensionista e agricultor. Começam a intervenções dos técnicos e o agricultor tem que registrar em anotações tudo o que acontece na propriedade. Após, são produzidas as “referências modulares e globais do sistema” e o “caso típico” que é descrição final do sistema produtivo. Segue-se com a implementação de estratégias de comunicação que divulguem os sistemas referenciais entre outros produtores rurais familiares (MIRANDA *et al.*, 2001, p. 13-14; PASSINI *et al.*, 2004).

Miranda *et al.* (2001) ressaltam o que chamam de “conceitos fundamentais” na metodologia das redes: o “enfoque sistêmico” – visão global da propriedade em toda sua complexidade; a “pesquisa na propriedade - os ensaios, testes e validações passam a ser conduzidos nas propriedades, com a participação dos agricultores”; a “participação do agricultor” – os produtores rurais são incentivados a participar de maneira ativa no Projeto; a “parceria – conceito que significa complementaridade de competências, autonomia de cada participante, pacto de solidariedade, transparência nos relacionamentos e igualdade entre as partes (mesmas regras, divisão do poder, etc.)”; e a “interdisciplinaridade – todos os componentes da propriedade são importantes e merecem atenção igual”, devem interagir de modo que “o conjunto seja maior do que a soma de suas partes”. Por isso, “a necessidade de várias análises (socioeconômica, de recursos naturais, da produção vegetal e animal) de forma integrada” (MIRANDA *et al.*, 2001, p. 16; PASSINI *et al.*, 2004).

## As Representações Sociais dos Atores

Segue a apresentação dos resultados da pesquisa, ou seja, as representações sociais do Projeto Redes que emergiram dos entrevistados, separadas por grupos de atores. Em função da impossibilidade de reunir num único artigo dissertações mais extensas a respeito dos resultados e análise da pesquisa, apresentam-se aqui apenas alguns comentários-chave a respeito de algumas representações que se destacaram, para depois fazer uma interpretação geral da investigação realizada.

Como visto, de acordo com a Teoria das Representações Sociais, é comum para o sujeito uma identificação imediata do objeto com imagens e figuras familiares do seu cotidiano. Assim, como o mundo das variáveis estatísticas parece aos produtores rurais um tanto estranho e complexo, eles fazem a aproximação (ancoragem) e a materialização (objetivação) do objeto [Projeto Redes] de uma forma que lhes pareça mais familiar. As palavras “lucro” e “prejuízo” são comuns no vocabulário de agricultores, existe um discurso

histórico, aparentemente caracterizado pela instabilidade e incertezas ambientais. Isso está relacionado às perdas e aos ganhos, à boa e à má safra, ao lucro e ao prejuízo. É evidente, portanto, a existência do universo consensual no qual se localiza uma representação social que emergiu de seus depoimentos: “**anotações para avaliar lucro ou prejuízo**”. A5 diz:

Este Projeto, o que tem feito? A gente anota e depois o técnico passa pra gente o que tivemos de lucro, porque depois de anotar eu passo também as folhas pra ele, e ele faz os cálculos lá pra gente e também mais os gastos de impostos, essas coisas (A5).

De modo semelhante ao ocorrido com os produtores rurais entrevistados, no grupo de extensionistas, nota-se que o conjunto amplo e complexo que envolve a substância do Projeto é aproximado para algo mais simples e que representa uma parte daquilo que o Projeto pretende ser. Nesse sentido, verifica-se uma simplificação dos propósitos do objeto da representação na figura “**gestão financeira da propriedade agrícola**”, principalmente no que concerne à contabilidade e finanças. E1 comenta:

O trabalho em redes pra mim é o seguinte: você procura orientar o produtor no tocante ao custo de produção, à comercialização e saber comprar bem, saber vender bem. É uma gestão da propriedade agrícola, nada mais que isso. [...] O foco do nosso trabalho está sobre o custo de produção e não sobre a tecnologia, pois se você tiver clima favorável e tecnologia você terá produtividade. [...] (E1).

Segundo Moscovici (2004), é do mundo onde se está inserido que enxergamos a realidade à volta e a decodificamos. São os elementos de nosso próprio mundo que atuam na interpretação do inusitado. Nesse sentido, não causa surpresa que para os extensionistas, uma representação social comum sobre o Projeto Redes é “**uma nova ferramenta para a extensão rural**”. Isso pode ser visto no seguinte discurso de E2:

Na questão conceitual, eu diria que o Projeto Redes hoje é um dos grandes instrumentos ou ferramentas de extensão rural que nós temos [...]. Então, eu vejo que o trabalho em rede, se caracteriza principalmente pelo técnico poder aprofundar-se um pouco mais no diagnóstico das propriedades e na questão de planejamento. Eu acho que isso faz com que o trabalho do técnico passe a ter mais qualidade (E2).

No grupo de pesquisadores existe uma atitude discursiva afinada com a idéia de parceria, principalmente entre pesquisadores e extensionistas. Esse discurso parece estar respaldado no que chamam de estudos agronômicos baseados na “abordagem sistêmica”, desenvolvidos pelo IAPAR desde a década de oitenta. De algum modo, o fenômeno redes vem, ao longo da existência do instituto, fazendo parte do cotidiano de seus profissionais. Mais do que uma construção discursiva teórica consolidada sobre o trabalho em rede, existe um consenso grupal e familiarizado de que se trata de um trabalho em grupo que, aliás, no modo de ver dos pesquisadores, é bem sucedida. Nessa perspectiva, emerge a representação social “**soma de profissionais de áreas distintas**”. O relato que segue atesta:

Bom, a rede, na verdade, é um trabalho que vai envolver profissionais de diferentes áreas de formação, diferentes especialidades e, sobretudo, instituições de diferentes naturezas. A rede se estabelece no sentido da complementaridade, da necessidade de estar complementando tanto abordagens de trabalho quanto especialidades e áreas de formação distintas [...] (P2).

Existe um consenso no grupo dos pesquisadores: é preciso construir canais de comunicação para que a tecnologia gerada pela pesquisa esteja acessível e ao alcance do público interessado. Ouvindo os profissionais da pesquisa, é nítida a impressão de que a

necessidade de comunicação é uma angústia comum, ou seja, uma ansiedade coletiva do grupo de que a pesquisa se torne tecnologia adotada e que produza os efeitos esperados na agricultura. Percebe-se, portanto, que a simplificação do objeto, a partir da idéia “comunicar a pesquisa”, faz parte do universo consensual do grupo de pesquisadores. O objeto da representação é ancorado através do elemento “necessidade de difusão da tecnologia gerada pela pesquisa” e objetivado, através da figura: **“instrumento de comunicação”**. P1 afirma:

Eu acho que a maior vantagem do Projeto, em minha opinião, é você estar levando a tecnologia para o produtor, porque muitas vezes a pesquisa por si só fica engavetada e não chega ao produtor. Nas redes não, você desenvolve e passa. Quando você está fazendo na propriedade dele e ele está vendo resultado [...]. Eu acho que o que tem que ser enriquecido um pouco mais é justamente levar esta tecnologia para outros produtores, explorar o máximo (P1).

O quadro que segue traz todas as representações sociais dos três atores envolvidos diretamente com o objeto. No mesmo, as representações sociais de cada grupo de atores são apresentadas em uma seqüência que indica ordem de intensidade, onde, por exemplo, a representação social “acesso à informação de qualidade”, a primeira a ser apresentada, é a mais intensa no grupo dos produtores rurais.

Produtores rurais	Extensionistas Rurais	Pesquisadores
Representações Sociais		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acesso à informação de qualidade</li> <li>• Anotações para avaliar lucro ou prejuízo</li> <li>• Um Projeto de acompanhamento da EMATER</li> <li>• Ação governamental para obter dados</li> <li>• Parâmetro para outros produtores</li> <li>• Fora da minha realidade</li> <li>• Espaço de relações amigáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Redes propriedades semelhantes para referência</li> <li>• Gestão financeira da propriedade rural</li> <li>• Estudo e acompanhamento de sistemas produtivos</li> <li>• Uma nova ferramenta para extensão rural</li> <li>• Um Projeto entre família</li> <li>• União de vários segmentos</li> <li>• Qualidade de vida no campo</li> <li>• Um trabalho de difusão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Soma de profissionais de áreas distintas</li> <li>• Trabalho de abordagem sistêmica</li> <li>• Instrumento de comunicação</li> <li>• Instrumento de integração institucional</li> <li>• Conjunto de unidades produtivas representativas</li> <li>• Validação da pesquisa</li> </ul>

Quadro 1: As representações sociais do Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar

O quadro apresenta o campo representacional de cada grupo de atores. Para o grupo de produtores rurais da agricultura familiar, o objeto da pesquisa representa um projeto governamental executado pela EMATER, que proporciona o acesso a uma série de informações de qualidade sobre diversificação de culturas e outras realidades da agricultura. Também possibilita, através das anotações que fazem sobre todas as atividades relacionadas ao processo produtivo, tomarem conhecimento dos resultados financeiros de sua propriedade. Na visão dos produtores, tais registros servem também como parâmetro para outros produtores e para atender a interesses do governo. Em algumas situações, o Projeto não se mostra compatível com o que se está vivendo no campo, parece distante de sua realidade. Por outro lado, trata-se de um espaço de relações amigáveis. Os produtores se vêem como receptores do Projeto.

Por sua vez, para o grupo de extensionistas, representa uma nova forma de trabalhar a extensão rural, um trabalho de difusão com a união de vários segmentos trabalhando juntos. São redes de propriedades semelhantes, que têm seus sistemas produtivos estudados e acompanhados, de maneira que possam se tornar referências para outros sistemas similares e proporcionar mais qualidade de vida no campo, especificamente para a Agricultura Familiar. É um Projeto que, sobretudo, faz a gestão financeira da propriedade rural. Para alguns extensionistas, ele acontece com a atuação direta das famílias e também a partir das relações amizade com as mesmas. Os produtores rurais são, na visão da maioria dos extensionistas, mais destinatários e beneficiários do que atores de um processo de parceria.

Para o grupo dos pesquisadores, o Projeto representa um trabalho de abordagem sistêmica que acontece por meio da soma de profissionais de áreas distintas. Esses profissionais atuam nos conjuntos de unidades produtivas rurais representativas de determinados sistemas produtivos. O Projeto é ainda um instrumento de articulação institucional que mobiliza pesquisa e extensão rural em trabalhos conjuntos. Além disso, é também um instrumento de comunicação para levar tecnologia aos agricultores familiares visando desenvolvimento econômico e uma forma de validar o que se está pesquisando. Para maioria do grupo de pesquisadores, o produtor rural é mais beneficiário do que ator em um trabalho em rede.

Neste campo representacional do Projeto Redes de Referência, encontram-se semelhanças e diferenças entre as representações sociais e, nessas, percebem-se aproximações e discrepâncias. No que se refere à visão da substância do trabalho desenvolvido pelo Projeto Redes de Referência, ou seja, daquilo que o Projeto oferece, enquanto proposta de atuação na Agricultura Familiar, que é o desenvolvimento socioeconômico dos agricultores familiares através da geração de sistemas produtivos melhorados, percebe-se maior nível de aproximações do objeto. Por outro lado, no que diz respeito à visão do método do trabalho, da sua configuração em rede, da forma como ele está organizado e acontece, existe maior nível de discrepâncias em relação ao objeto da representação.

Ficou evidenciado pelas representações que o Projeto Redes ofereceu contribuições significativas nas relações institucionais entre IAPAR e EMATER e também nas relações orgânicas, que colocam pesquisadores e extensionistas lado a lado no trabalho. Como se sabe, a EMATER faz extensão rural há mais de cinquenta anos e o IAPAR faz pesquisa agrônômica há quase quarenta anos no Estado do Paraná, são duas organizações com espaços institucionais marcantes e bem definidos. O destaque dado ao Projeto Redes como catalisador dessas relações entre os institutos é relevante. É possível que essa forma de ver esteja de fato respaldada no que se tinha até então em termos de parcerias entre as instituições. Nesse sentido, percebe-se que o Projeto funcionou enquanto proposta de organização em rede. Por outro lado, constata-se que isso está mais restrito aos profissionais que atuam no Projeto dentro das duas instituições. Nos grupos de profissionais das duas instituições existiram comentários semelhantes, relatando a indiferença e até preconceitos da parte de outros profissionais das mesmas instituições, que não estão diretamente envolvidos no trabalho.

Nesse contexto, surpreendeu, ainda, o fato da grande maioria dos agricultores desconhecerem tal parceria e nem se sentirem como parte de uma rede. Nota-se uma ruptura no processo de conexão e comunicação, o fato de apenas um dos agricultores entrevistados mostrar conhecimento da relação IAPAR e EMATER no Projeto. Não se está questionando a legitimidade da parceria entre as instituições e profissionais, até porque consideramos o enlace das mesmas, dentro do Projeto, na maioria dos casos, visível. É, pois, intrigante os produtores desconhecerem tal situação. Esse é o motivo pelo qual se constata que todos os atores envolvidos no Projeto não consideram o produtor rural como participante dessa relação em rede, mas muito mais um beneficiário do processo todo. Assim, diferente do que se diz nos manuais sobre o Projeto, há uma relação hierárquica entre as partes, ou seja, o sentimento

de que pesquisadores e extensionistas estão “acima” e os produtores estão “abaixo” nessa relação.

As representações sociais “**uma nova forma de extensão rural**” e também “**validação da pesquisa**” ajudam a explicar esse fato. Nelas, são perceptíveis relações de unilateralidade, em que o objeto da representação se reveste daquilo que corresponde ao mundo de uma das partes. Não que isso desqualifique ou chegue a comprometer relações em rede, mas evidencia um movimento que parece natural na própria Teoria das Representações Sociais: o olhar voltado não para o todo, mas para uma parte que parece mais comum e compreensível. É certo que, nas relações em rede, como sugeriram pesquisadores e extensionistas, por meio das entrevistas, é preciso ter “jogo de cintura”. Isso significa, às vezes, ter que abrir mão de algumas especificidades para criar laços com o outro. Todavia, os membros de uma rede não deixam de ser o que são ou de ocupar seu papel no processo de parceria. Essas representações indicam, justamente, que pesquisadores e extensionistas sabem qual é o seu papel na relação de parceria. Não se vê o mesmo em relação ao produtor rural. Ele não sabe dizer quem é nesse processo, e nem qual é o seu papel dentro de uma ação em rede, mesmo porque, *a priori*, ele nem enxerga a configuração em rede do Projeto de que faz parte.

## Conclusões

As motivações para este empreendimento de pesquisa consistiram na busca por entender como os atores, envolvidos em uma atividade organizada na forma de rede, representam socialmente essa estrutura, ou ainda, como tais atores compreendem - enquanto sujeitos diferentes, inseridos em uma realidade cotidiana específica - uma ação desenvolvida em parceria, com objetivos convergentes e afins. Partiu-se, pois, do pressuposto de que os sujeitos da pesquisa gozassem de uma vivência tal com o objeto da representação que desse margem à possibilidade de representá-lo como membros inseridos em um grupo. É necessário ressaltar que a pesquisa não se dedicou a avaliar o Projeto Redes e nem o desempenho dos grupos de profissionais envolvidos no trabalho.

Um primeiro aspecto a ser destacado se refere ao impacto que o Projeto causou no cotidiano profissional da maioria dos técnicos envolvidos com o trabalho. A maior parte deles refere-se a ele com admiração e respeito. É verdade que existem visões diferentes sobre o objeto da representação, mas quase todas carregam o mesmo tom: se trata do jeito certo de trabalhar pesquisa e extensão no campo. Enquanto características do Projeto, isso tem a ver com organizações em rede? Não exatamente. O que parece contribuir mais para essa realidade é a tentativa desses profissionais de exercerem o que enfatizam ser uma visão sistêmica. Todavia, embora o IAPAR já realizasse estudos agrônômicos na perspectiva sistêmica desde a década de oitenta, é o Projeto Redes que encarnou a maneira diferenciada com que pretendiam encarar as propriedades e os próprios agricultores. O Projeto, na visão da maioria dos entrevistados, seria uma consequência dessa forma sistêmica de enxergar as coisas.

Algo bastante curioso que surgiu nas representações dos três grupos diz respeito à participação ativa do produtor rural no processo. Ele não é considerado mais um vértice nessa relação, mas simplesmente um beneficiário do processo. Então, surge uma questão: existem relações em redes, que envolvam o produtor rural no Projeto?

Esta não é uma resposta simples. Ao que se revelou na pesquisa, a existência de “relações e laços” baseados em premissas como cooperação, confiança e interação, acontece de maneira pontual, ou seja, em casos específicos. Em outras palavras, não parece que a configuração estrutural do Projeto esteja garantindo a existência de redes, como se supõe quando se lê ou se ouve falar sobre o Projeto. Esse processo se mostra muito ligado a pessoas, tanto de técnicos quanto de agricultores. É preciso ressaltar também, que com uma exceção,

não foi encontrada entre os agricultores uma postura de reconhecer-se como sujeito do Projeto, enquanto participante de uma rede. Inclusive, o valor dado às informações que circulam através do Projeto Redes e a interpretação financeira de sua realidade no campo, são elementos que fazem referência ao que o agricultor recebe e não ao que ele oferece. O fato de se fornecer dados e de, eventualmente, realizar mudanças em sua propriedade, não coloca o produtor rural em uma condição de se ver como ator na parceria. Nesse sentido, se parece mais beneficiário do que um sujeito participante ativo de uma construção conjunta.

Reportando-nos à Teoria das Representações Sociais para analisar essa questão, fica claro que o objeto da representação é fruto tanto da pessoa como da coletividade, enquanto espaço próprio de seu universo. É um processo que remodela e reconstitui elementos do ambiente, capaz de dar sentido a esse, pois nos processos de ancoragem/objetivação, o indivíduo se volta às suas referências, para então reconstruir o objeto da representação. É a partir disso que o referencial dos atores pode ser mais bem compreendido, mas devemos considerar também a realidade complexa desse rico e dinâmico fluxo de interações, presente no conhecimento produzido no cotidiano. Assim, para o pequeno agricultor familiar, acostumado a não se ver como sujeito com capacidade de agir, e normalmente “engolido” pelos discursos que perfazem sua realidade, só o tempo e novas ações tanto no âmbito do Projeto como fora dele, é que poderão demonstrar se haverá uma circularidade, no sentido de se produzir novas representações sociais.

Finalmente, diante de tais elucubrações, faz-se pertinente sublinhar que no contexto da teoria organizacional, mais detidamente no âmbito dos estudos sobre redes e laços de cooperação, uma reflexão mais cuidadosa acerca das visões dos atores envolvidos pode revelar incongruências importantes. Além disso, tendo como parâmetro as conclusões do presente estudo, parece evidente que redes interorganizacionais não são construídas apenas através de elementos formais e intervenções mútuas no âmbito dos atores. Ainda que revestidos de intenções legítimas, é preciso considerar as dissonâncias existentes entre mundos e realidades diferentes, para que sejam propiciados espaços e condições que efetivamente possibilitem a existência de laços e redes, baseadas em relações equânimes para as partes envolvidas.

## Referências

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999. v1.
- DIMAGGIO, Paul, J.; POWELL, Walter W. A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo:FGV, v.45 – n.2, p. 74-89, – abril-junho, 2005.
- FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho.; JOVCHELOVITCH, Sandra.(Orgs.) **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. The population ecology of organizations. **American Journal of Sociology**, v. 82, n. 5, p.929-964, 1977.
- IBGE. **Censo agropecuário**: 1995/1996. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>>. Acesso em: 16 ago. 2006.
- JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.
- KÜSTER, Ângela; MARTÍ, Jaime Ferre. (Orgs) **Agricultura Familiar, agroecologia e mercado no Norte e Nordeste**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, DED, 2004.
- LLANILLO, Rafael Fuentes. **Relatório de viagem técnica**. Londrina: IAPAR, 1988.
- MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; GONÇALVES, Sandro L. Nota técnica: a teoria institucional. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999. v1.
- MANUAL OPERATIVO DO PROJETO PARANÁ 12 MESES. Curitiba: Secretaria estadual da agricultura e do abastecimento – Bird, 1999.
- MARCON, Christian; MOINET, Nicolas. **Estratégia-rede**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- MARTES, Ana Cristina Braga; BULGACOV, Sérgio; NASCIMENTO, Maurício Reinert do; GONÇALVES, Sandro Aparecido; AUGUSTO, Paulo Mussi. Fórum – Redes sociais e interorganizacionais. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo: FGV, v.46 – n.3, p. 10-15, – julho-setembro, 2006.
- MEYER, John; ROWAN, Brian. Institutionalized organizations: formal structure as myth and ceremony. **American Journal of Sociology**, v.83, n.2, p. 340-363, 1977.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5 ed. São Paulo -Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MIRANDA, Márcio; PASSINI, João José; MIRANDA, Gil Maria; RIBEIRO, Maria de Fátima dos Santos; SOARES JÚNIOR, Dimas. A busca de referências técnicas e econômicas para o desenvolvimento da agricultura familiar no Estado do Paraná através de uma rede de propriedades. In: IV ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 2001. **Anais...** Belém: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 404p.
- OLIVER, A. L.; EBERS, M. Networking network studies: an analysis of conceptual configurations in the study of inter-organizational relationships. **Organization Studies**. Berlin, v. 19, p. 549-583, 1998.
- PASSINI, João J.; MIRANDA, Gil M.; MIRANDA, Márcio. Redes de referência como instrumento para o desenvolvimento rural. In: CALZARA, O.; LIMA, R. O.; **Brasil rural contemporâneo**: estratégia para um desenvolvimento rural de inclusão. Londrina: Eduel, 2004. 308 p.
- QUEIROZ, Timóteo Ramos. Ferramentas de gestão para a agricultura: o de sistemas de custeio e indicadores de desempenho. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Abatia. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 1, CD ROM.
- SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence Samuel; COOK, Stuart Wellford. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.
- SOARES JÚNIOR, Dimas; MIRANDA, Marcio; ANDRADE, Marco A. A. de; CARNEIRO, Sérgio L. **Redes de referência – intercâmbio Brasil - França**: relatório analítico dos trabalhos desenvolvidos na viagem técnica à França. Curitiba: IAPAR-EMATER, 2000.

SOUZA, Celso C. de; SOARES JÚNIOR, Dimas; LIBERAL, Edmilson G.; MIRANDA, Gil M.; PASSINI, João J.; MIRANDA, Márcio. Redes de referências: extensão e pesquisa juntas para melhor atender a agricultura familiar. In: **Redes de referências para a agricultura familiar**: apresentação do enfoque de trabalhos através de descrições de propriedades acompanhadas. Curitiba: PARANÁ 12 MESES-SEAB/BIRD, 2000.

SPINK, Mary Jane Paris. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOLBERT, Pamela S.; ZUCKER, Lynne G. A institucionalização da teoria institucional. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999. v1.

VIZEU, Fábio. Pesquisas sobre redes interorganizacionais: uma proposta de distinção paradigmática. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 2003. 1 CD ROM.

<sup>1</sup> A agricultura familiar envolve basicamente a articulação de três elementos: gestão, família e propriedade rural. Suas definições mais comuns estão relacionadas ao aspecto da gestão familiar, ou seja, propriedades rurais cuja gestão está sob a responsabilidade de pessoas de uma mesma família (QUEIROZ, 2003).

<sup>2</sup> “Paraná 12 Meses” é um projeto do governo paranaense, lançado em 1998, em parceria com o Banco Mundial. Foi expandido por todo o Estado do Paraná, a fim de ser um mecanismo de minimização dos problemas sociais dos pequenos agricultores. O projeto abrange os setores da habitação e saneamento básico; recuperação e preservação do solo agrícola e do meio ambiente; geração de postos de trabalho na área rural; aumento da renda familiar e manutenção dos ganhos durante os 12 meses do ano (MANUAL OPERATIVO..., 1999).

<sup>3</sup> O IAPAR foi fundado em 1972, e é o instituto oficial de pesquisa agropecuária do Estado do Paraná. A EMATER, fundada em 1956, é o instituto oficial responsável pela extensão rural e assistência técnica junto à população rural do Estado do Paraná.

<sup>4</sup> *Institut de l'Élevage* : organização francesa administrada por produtores, que se dedica à produção animal, desenvolve ações de pesquisas aplicadas, atua na transferência de tecnologias e consultoria técnica, trabalhando na produção de vários tipos de animais, sobretudo, para o abate e produção leiteira (SOARES JÚNIOR *et al.*, 2000).

<sup>5</sup> A palavra “figura” exprime melhor que a palavra “imagem”, por não se tratar somente de um reflexo, uma reprodução, mas também de uma expressão e de uma produção do sujeito (MOSCOVICI, 1978, p. 56).

<sup>6</sup> “Enfoque sistêmico”, segundo Miranda *et al.* (2001, p.8), traduz a realidade em que “o agricultor e sua família combinam os fatores que possuem (terra, máquinas, equipamentos, mão-de-obra) para compor o melhor arranjo entre as culturas e criações exploradas na propriedade, levando em conta os objetivos que pretendem atingir”.